



Entrevista

Tiago Florencio de Abreu

Sujeitos com Síndrome de Asperger lidam com invisibilidade e preconceito

People facing Asperger have to deal with invisibility and prejudice

Pessoas com Asperger lidam com dificuldades sociais decorrentes do pouco conhecimento do diagnóstico pela maioria da população

Tiago Florencio de Abreu*

Pessoas com um nível de autismo mais “leve”, denominado autismo de alto desempenho, também conhecido como Síndrome de Asperger, compartilham dificuldades de comunicação e de interação social, como em outros espectros do autismo. Mas, como diferencial, possuem maior independência e fala desenvolvida. As características desse espectro do autismo, tão sutis, podem passar despercebidas pelas demais pessoas.

As primeiras pesquisas sobre Síndrome de Asperger ocorreram em 1943, durante a Segunda Guerra Mundial, por Leo Kanner e Hans Asperger. Em seus trabalhos individuais, descreviam crianças com dificuldades nas relações sociais e coordenação motora desajeitada. A condição só tornou-se diagnóstico décadas depois.

Entre as dificuldades e nuances da vida social, os chamados *aspies* conseguem, em grande parte, fazer parte das diversas camadas da sociedade. Segundo profissionais e autistas, a popularização da síndrome é um desafio necessário para o autoconhecimento e aumento da qualidade de vida.

O autismo, com todas as suas variações, ainda é mistério para médicos, pais e indivíduos diagnosticados. A Síndrome de Asperger, cuja diagnose entrou no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais em 1994, somente passou a ser popularizada nos últimos anos. Ainda não há, no Brasil, uma quantidade estimada de pessoas com essa síndrome.

* Graduando em Comunicação Social – Habilitação: Jornalismo –, 4º período, na Universidade Federal de Goiás. E-mail: tiagoabreupro@gmail.com.

Identificação tardia

É possível encontrar, com certa dificuldade, estudantes universitários com a Síndrome de Asperger em instituições como a Universidade Federal de Goiás (UFG). Isso porque muitas de suas características, a princípio, passam despercebidas e atrapalham, inclusive, o diagnóstico.

É o caso de A., 23, que recebeu o diagnóstico. Mesmo tardio, o laudo, segundo ela, confirmou impressões existentes desde os 14 anos, quando mudou de escola e não conseguiu se adaptar. “Não conseguia ser como os outros alunos. Tinha dificuldade para me comportar como eles e também não me interessava pelas mesmas coisas”, contou.

O processo de autoconhecimento durou anos, entre a rejeição e o *bullying*. “Levei mais tempo para descobrir que essa diferença era a Asperger, por não ser algo muito divulgado”. A não aceitação dos colegas, em sua visão, complicou: “Atrapalhou a me adequar a um novo ambiente. Eu comecei a receber *bullying* dos outros por causa disso e, conseqüentemente, passei a não gostar do ambiente escolar.”, afirma.

O diagnóstico foi confirmado por meio de uma entrevista e questionários. A. procurou o Núcleo de Acessibilidade da UFG e conseguiu apoio psicológico por meio da instituição. “Como eu tinha suspeitas, a psicóloga também me pediu para dizer e levar tudo o que eu tivesse relacionado com a síndrome”, disse.

A., que é estudante de Psicologia na UFG, considera o diagnóstico tardio consequência de várias questões. “A demora se deve muito ao fato de que, muitas vezes, é preciso passar por vários profissionais diferentes: Fonoaudiólogos, psicólogos, fisioterapeutas, entre outros. Tudo depende do caso”, informa.

R., 27, formado em Ciências Sociais pela UFG, foi diagnosticado aos 24 anos, após ler materiais na internet e ter consultas com um psiquiatra. “Eu gostava e me interessava por assuntos que não são comuns aos outros da minha idade. Também era meio desajeitado e desengonçado”, afirmou.

Algumas características da Síndrome de Asperger, como a dificuldade em estabelecer relações sociais e a linguagem formal, podem ser confundidas com sinais de timidez ou arrogância. Por isso, R. considera que saber do diagnóstico o ajudou. “Melhorou demais. Eu era bem mais tímido e fechado. Hoje eu me socializo mais. Cumprimento as pessoas e olho no rosto delas para conversar”, avalia.

A pouca habilidade social é a dificuldade que mais incomoda A. “Vivemos em um mundo que depende de interações sociais. Quando se está no mercado de trabalho, é necessária uma rede de contatos. Precisamos saber lidar adequadamente com as pessoas, até mesmo para iniciar um relacionamento amoroso e ter uma família”, reflete.

Outro olhar

P., 20, graduando em Farmácia na UFG, convive com uma pessoa com Síndrome de Asperger. Ele declarou que as especificidades de seu amigo, antes da suspeita, eram invisíveis. “A princípio, me parecia uma pessoa comum e bem inteligente. Inclusive, quando trabalhávamos juntos, se destacava pela inteligência e tinha certa popularidade. Com o tempo, percebi algumas diferenças. O achava birrento. Só fui entender sua condição no futuro”, conta.

Por conceitos pré-formados, P. não acreditou, de imediato, na síndrome. “Quando ele disse das suspeitas, não acreditei muito”, afirma. Com o tempo, durante o diagnóstico, suas impressões mudaram. “Acompanhei de perto o processo. Inclusive, conversei com a psicóloga sobre as características dele. Nesse tempo, tinha certeza que seria positivo, seja pra Asperger ou pra qualquer outra condição psicológica atípica”, alega.

As barreiras, segundo ele, são as mesmas vivenciadas por A. A dificuldade em construir novas relações sociais é uma característica marcante. “Ele tem muita dificuldade para fazer novas amizades. Quando estamos em um grupo de amigos, sempre fica meio reprimido. Mas, com pessoas que gosta, ele se solta e age normalmente”, destaca.

A., no convívio com a síndrome, pensa se a sua categorização como deficiência é correta. Ela acredita que depende dos casos e contextos. “Algumas qualidades compensa características que nos faltam. Porém, depende muito do grau de comprometimento e varia para cada indivíduo”. Em aspectos legais, vê com bons olhos. “Ser considerada uma doença é algo bom, pois nos garante alguns direitos que fazem muita diferença”, considera.

Já R., por sua vez, que também convive com a síndrome, sustenta a ideia de que a Síndrome de Asperger não desqualifica o indivíduo. “Tem coisas que eu posso e devo melhorar e outras que fazem parte do meu modo de ser. Algumas delas nos singularizam e outras nos unem”, opina. Quem não é portador da síndrome, mas convive com alguém diagnosticado como sendo, como é o caso de P., considera que “em alguns casos

mais graves é deficiência, mas, em relação ao meu amigo, vejo como uma forma diferente de ser”, acredita P.

A. considera as demais pessoas despreparadas em relação à Síndrome de Asperger. “Se não estão preparadas para lidar com as diferenças que são conhecidas e divulgadas, quem dirá com algo que nem conhecem. É difícil alguém falar sobre Asperger publicamente. Quando a síndrome é divulgada, geralmente o sujeito é retratado com estereótipos de genialidade, excentricidade e timidez”, lamenta.